

Nó em pingo d'água

Eloiza Gurgel Pires

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Faculdade de Formação de Professores

E-mail: eloizagurgel@uol.com.br

Resenha de: LOPES, Adriana C.; FACINA, Adriana; SILVA, Daniel N. *Nó em pingo d'água: sobrevivência, cultura e linguagem*. Rio de Janeiro: Mórula; Florianópolis: Insular, 2019.

Recebido em: 28/05/2020

Aceito em: 20/07/2020

*Gente que dá nó em pingo d'água /
Se o calo aperta no embalo se liberta /
E na adversidade encontra diretriz.*

Juninho Thybau e Kiki Marcellos

Do samba de Juninho Thybau e Kiki Marcellos (2015) foi extraído, o título do livro *Nó em pingo d'água: sobrevivência, cultura e linguagem*, publicado em novembro de 2019 pela Editora Insular e pela Mórula Editorial. Como o título indica, a sobrevivência é termo chave para se compreender as artimanhas e amarrações dos nós impossíveis, atados com os fios da cultura e da linguagem nas políticas, nas culturas e nas artes das cidades, das periferias e favelas. Nesses âmbitos, corpos e escritas transbordam para além do viver e do morrer. Como nos ensina Derrida (2004 [1979]), a sobrevivência é esse transbordamento. Para fora dessa polaridade, há um espaço a ser ocupado, há algo que persiste em uma existência que luta, que não se dá por vencida e que “na adversidade encontra diretriz”. Nesse espaço/tempo de sobrevivência, o precário ganha outros contornos em um território de memórias, histórias e culturas.

¹Bruno Coutinho de Souza Oliveira (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro IFRJ); Carlos Palombini (Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ); Dennis Novaes (Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ); Gustavo Coelho (Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ); Henrique de Freitas (Universidade Federal da Bahia UFBA); Janaína Tavares (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro UFRRJ); Junot de Oliveira Maia (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo IFSP); Luiz Rufino (Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ); Mariana Gomes Caetano (Universidade Católica do Rio de Janeiro PUC-RIO); Noemi Jaffe (Universidade de São Paulo USP); Osmundo Pinho (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia UFRBA); Pâmela Passos ((Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tio de Janeiro IFRJ); Raphael Calazans (Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ); Renan da Ponte Castelo Branco (Universidade Estadual do Ceará UEC); Rodrigo Borba (Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ); Ruberval Ferreira (Universidade Estadual do Ceará UEC); Verissimo Junior (Universidade Federal Fluminense UFF).

Fruto do trabalho colaborativo dos linguistas Daniel Silva e Adriana Lopes e da antropóloga Adriana Facina, a obra reúne pesquisadores¹ do campo dos estudos de linguagem e mais amplamente das ciências sociais interessados em entender a sobrevivência não apenas como conceito, mas com base em experiências concretas como gestos, atitudes ou atuações diante do mundo e do difícil cotidiano das cidades, dos becos sem saída, das vielas e favelas. Ética, estética e política encontram-se aí indissociáveis em uma intrincada rede de relações. Nesse sentido, destaca-se a importância do caráter performativo da linguagem nas narrativas, relatos e ensaios teóricos. Os textos exigem do leitor atenção e sensibilidade para compreender a situação a que são submetidos os sujeitos subalternizados, sobretudo aqueles que, no Brasil, especialmente nos espaços periféricos do Rio de Janeiro, estão expostos à violência política, às violações dos direitos humanos, à destruição. Os autores possuem longa trajetória de pesquisa etnográfica em contextos periféricos, o que favorece a produção de um conhecimento original e potente para pensar, de acordo com as(o) organizadoras(or), não apenas as culturas de sobrevivência, mas as escritas, os letramentos, as histórias e os testemunhos como práticas narrativas dos que precisam inventar desvios para viver.

Na apresentação do livro, ressalta-se a importância das articulações interdisciplinares para a compreensão, como queria Saussure (1981), da língua como fato social, pois, como é lembrado pelas(o) organizadoras(or), com muita propriedade, desde a invenção moderna da linguística como ciência, estreitaram-se os laços entre este campo e os campos da sociologia e, posteriormente, da antropologia. A interconexão entre linguística e teoria social marcou, por exemplo, no início do século passado, os diálogos entre o linguista russo Roman Jakobson e Franz Boas; não só os diálogos, mas também as afinidades entre Benjamin Lee Whorf e Leonard Bloomfield. E, quanto à relação entre linguistas e antropólogos, vale ressaltar a importância de Claude Lévi Strauss que formou influentes antropólogos da linguagem como Michael Silverstein e outros, o que demonstra que construir um conhecimento sobre linguagem e sociedade é uma tarefa conjunta.

Em *Nó em Pingo D'Água*, a reaproximação entre linguistas e cientistas sociais no debate teórico sobre a noção de sobrevivência amplia as possibilidades desse campo de confluência e contribui para desconstruir o binarismo vida/morte e as dicotomias que pautam o pensamento moderno liberal, bem como o que vai no âmago dos discursos hegemônicos, pautados por noções como vida, progresso e futuro. Nesse sentido, os processos de sobrevivência relacionados com a linguagem, com a cultura, com a política e com a arte podem ser vistos no livro sob variados ângulos e a partir de diferentes diálogos, ultrapassando, assim, os limites disciplinares. Ao redimensionarem horizontes pluriepistêmicos, surge um campo fértil de indisciplinas nas encruzilhadas, entroncamentos e contaminações de conhecimentos, ideias, pensamentos, experiências.

O livro está estruturado em quatro partes que organizam narrativas, reflexões, relatos e ensaios produzidos observando contextos e experiências específicos. A primeira parte, *Sobreviver: letramentos, e culturas da sobrevivência*, introduz um debate teórico sobre as culturas, os letramentos e as escritas de sobrevivência, apontando questões centrais – como as novas formas de comunicação e de letramento nas sociedades contemporâneas –, para se pensar as várias expressões do que possa vir a ser “sobreviver”. No artigo multiautoral *Letramentos de sobrevivência: costurando vozes e histórias*, busca-se fazer um contraponto às narrativas hegemônicas que enfatizam uma suposta “falta” de letramento entre os estudantes das classes populares. Nesse sentido, ao serem apresentadas por outro ângulo as práticas escriturais de sujeitos subalternizados, colocam-se em xeque os princípios de racionalidade que fundamentaram as definições eurocêntricas de escrita na modernidade. Em seguida, Junot Maia, em *A internet salvou a gente mais que a UPP: tecnologias digitais e conectadas em meio a uma cultura de sobrevivência*, focaliza, no Bairro do Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, um contexto digital específico, no qual se utiliza a tecnologia digital como forma de sobreviver à extrema violência a que foram submetidos os moradores no período em que foram implantadas as Unidades de Polícia Pacificadora, conhecidas como UPPs. Na sequência, Gustavo Coelho discute as novas formas de letramento na contemporaneidade, em *A Escrita Pixadora: uma escrita*

²Expressão carioca para “pixar” – invertendo as posições silábicas da palavra. É também sinônimo de pichação.

sobre-vida. O autor nos apresenta uma escrita radical, que se furta a uma leitura pautada pela alfabetização escolar, ultrapassando os limites da gramática oficial da cidade. Se esta estabelece o sentido como obra última e definitiva, o *xarpi*² parece ser a escrita da saturação desse processo, dando forma escritural à vontade de escapar à dinastia do sentido e à qualquer forma de contenção da potência poética do mudo. A escrita *xarpi* é então aquela que não se deixa captar, é a escrita sobrevida do indizível, ocupa os espaços limiares em seus transbordamentos. Esta grafia urbana está intrinsecamente relacionada com as expressões culturais de jovens periféricos. Expressões essas subestimadas pelos cânones da arte e pela própria ignorância da população quanto aos seus códigos, ou ao seu alfabeto. Nesse sentido, fechando a primeira parte do livro, Adriana Facina, em *Cultura em tempo de perigo*, também discute as desigualdades que estruturam as políticas culturais, ampliando o conceito de cultura de sobrevivência, a partir do relato de artistas populares que buscam estratégias de luta para não desistir do “sonho de viver de seu trabalho com a cultura”.

Na segunda parte, *Sobreviver em narrativas*, os artigos apresentam, em circunstâncias específicas, experiências poéticas que se constituem nas brechas simbólicas da linguagem como formas de reexistir, ou de sobreviver às tragédias da existência humana por outras vias de transformação do conhecimento-mundo. Assim, Noemi Jaffe, em *Filhas da sobrevivência*, baseia-se na contundente narrativa de *O que os cegos estão sonhando*, livro escrito por ela e publicado em 2012 pela Editora34, para iniciar uma especulação sobre a palavra “sobrevivência” e seus significados para ela, filha de sobrevivente de guerra, sobrevivente de uma ditadura militar no Brasil, mulher e escritora. No século XXI, afirma, somos todos sobreviventes e, como testemunhas da história, é nossa responsabilidade falar em nome dos que não podem fazê-lo, por estarem emudecidos. O texto coloca um desafio para o leitor: sobreviver para narrar. Em *Exu e a pedagogia das encruzilhadas*, Rufino também desafia os leitores a repensarem as propriedades de saberes e formas que constituem as narrativas coloniais, apresentando em seu artigo as possibilidades de uma educação sobrevivente. O autor apropria-se das mitologias do Candomblé, em especial do orixá iorubano Exu, e retoma a alegoria da encruzilhada

como espaço/tempo de potência, diálogos e contaminações, onde as diferenças se atravessam, dialogam, entroncam-se, desarrumando assim as hierarquizações estabelecidas entre colonizador e colonizado e colocando em xeque os centrismos ocidentais europeus. Concluindo a segunda parte do livro, em *Dramaturgia e o discurso cênico de um território*, Veríssimo Junior relata a experiência do Grupo Teatro da Laje. Como professor de teatro em uma escola pública, o autor, juntamente com seus alunos, “inventam para sobreviver” uma narrativa visceral, estritamente relacionada com os territórios periféricos e da favela.

Na terceira parte do livro, *Sobreviver em gêneros*, com diferentes enfoques, os autores convergem em uma questão: como as identidades dos sujeitos no mundo contemporâneo são reinventadas em face da matriz heteronormativa dos gêneros, e como sobrevivem aqueles considerados abjetos sob o ponto de vista de uma perspectiva dicotômica colonial que naturaliza as violências sobre os corpos, as performances e os desejos? Esta questão, longe de ser respondida, abre um vasto campo de reflexões e também de impasses. Assim, em *Viver e morrer*, não necessariamente nessa ordem: sobrevivência com HIV/AIDS, Ruberval Ferreira e Renan Castelo Branco analisam como se constroem as imagens das pessoas portadoras do vírus HIV nas falas e discursos que se propagam tanto nas mídias hegemônicas quanto em espaços segmentados de ativismo político. Os autores mostram que os significantes HIV/AIDS apontavam para uma espécie de “pena de morte”, gerando os mais variados estigmas e preconceitos. Por outro lado, foi o próprio nome da “doença” que possibilitou uma reação ao determinismo dos discursos veiculados e a busca por estratégias de sobrevivência, ou da própria afirmação da vida. Na sequência, Rodrigo Borba, em *Peles trans*, máscaras cis: transfobia, patologização e práticas de resistência, baseia-se em um aprofundado estudo etnográfico com análise de documentos e de procedimentos médico-institucionais obrigatórios à cirurgia de transgenitalização, destacando as estratégias utilizadas por essas pessoas para sobreviverem ao aparato heteronormativo de conformação e de controle, ou até mesmo de extermínio de seus corpos. Mariana Gomes Caetano, em *Bordas do corpo*, fronteiras do mundo, se dispõe a dialogar com os fronteirios, aqueles que rejeitaram os enquadramentos

e as normalizações. Esse diálogo se dá, especialmente, com as mulheres do *funk*, no interior do movimento. Destaca-se a necessidade de ampliar as investigações sobre o movimento feminista atual com atenção às narrativas dessas mulheres. Mais perguntas que respostas norteiam as inquietações da autora em torno das vertentes do feminismo, suas estéticas e pertencimentos étnico-raciais. Osmundo Pinho, em *Praxis Estética no Pagodão Periférico* também analisa as questões raciais nas manifestações culturais urbanas, destacando a forma como a “estética negra, popular e radical”, marca do pagode periférico da cidade de Salvador, caracteriza-se como expressão estética e crítica de produzir sentido e conhecimento em uma sociedade colonial e racializada. Em um conjunto de notas etnográficas, intervenções críticas e reflexões políticas, o autor desafia os padrões eurocêntricos que constituem as representações das masculinidades negras.

Na quarta e última parte do livro, *Sobreviver em favelas periféricas*, discute-se o conceito de sobrevivência no contexto específico das favelas cariocas. Bruno Coutinho de Souza Oliveira, em *Sobrevivência pragmática da moradia favelada: a história de Dandara*, relata e analisa a história de uma mulher negra sobrevivente de uma das maiores tragédias brasileiras da vida cotidiana das populações vulnerabilizadas: a perda do lar, da casa, o abrigo primeiro da família. Inspirado por Bachelard (1978), o autor pensa esse espaço como lugar das relações afetivas que formam a origem, território da vivência interior e das relações familiares. Ao se encontrar desabrigada da noite para o dia, após as fortes chuvas que fecharam o verão de 2010, Dandara busca o elementar: a estabilidade do habitar, da casa, seu lugar de existência. Ao relato desta “sobrevivência pragmática” seguem as reflexões de Pamella Passos em *Entre o mundo acadêmico e as realidades das favelas: (des)encontros e sobrevivências de uma pesquisa que se quer junto e misturada*. A autora, inspirada por autores como Certeau (2008) e Benjamin (1994), traz o conceito de sobrevivência como um limiar, ou *entre-lugar*, que nos possibilita uma compreensão ampliada das relações estabelecidas entre os sujeitos que representam o espaço acadêmico e a favela. Dando continuidade ao tema da sobrevivência em espaços periféricos, o artigo de Dennis Novaes e Carlos Palombini, *O labirinto e*

o caos: narrativas proibidas e sobrevivências num subgênero do funk carioca, discute a criminalização da juventude negra periférica, especificamente, dos MCs do *funk*, que sobrevivem ou reinventam suas vidas como poetas, compositores, intérpretes e produtores culturais, apesar de todo o aparato violento de opressão do Estado. Por fim, Henrique Freitas, em *Sobrevivendo na Manguetown: a cidade como impressionantes esculturas de lama na cena mangue de Recife*, nos apresenta a cena do movimento Manguebeat de Recife, na década de 1990, revelando que a sobrevivência é um processo que também se constitui nas narrativas polifônicas e cosmopolitas das cidades, escapando e desafiando as representações hegemônicas do espaço urbano. Citando Certeau (2008), os autores enfatizam os gestos dos cidadãos e as manifestações da cultura que fogem à planificação urbanística. Mesmo que as articulações coletivas da Cena Mangue tenham acabado, o Recife, de acordo com os autores, foi recartografado pelas estratégias de sobrevivências simbólicas daqueles que conseguiram instaurar outros mapas, outras trilhas na capital pernambucana.

“Venham!”, convida a MC Janaína Tavares no prólogo do livro. “Eu convido todos para participarem dessa tragédia. Não esqueçam das máscaras, dos martelos, do sofá, dos alicates, das calcinhas furadas, da escova cheia de cabelo, do tubo de pasta de dente amassada, do ralo do banheiro [...]” (TAVARES, 2019, p. 9). Com esse convite o leitor é desafiado a aguçar a sua percepção para aquilo que Fanon disse ser imprescindível à esperança diante de situações de opressão: “trazer invenção à existência” (FANON *apud* PANDOLFO, 2018, p. 8). *Nó em Pingo d’água* reúne narrativas que testemunham esse empreendimento, em diferentes situações de traumas e da barbárie sofridos por aqueles que experimentaram os intermináveis sentidos e caminhos do sobreviver.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 202

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas volume 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1 e 2. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008.

DERRIDA, Jacques. Living On. In: BLOOM, H. *et al. Deconstruction and criticism*. London, New York: Continuum, (2004 [1979]).

JAFFE, Noemi. *O que os cegos estão sonhando*. São Paulo: Editora34, 2012.

LOPES, Adriana C.; FACINA, Adriana; SILVA, Daniel N. *Nó em pingo d'água: sobrevivência, cultura e linguagem*. Rio de Janeiro: Mórula; Florianópolis: Insular, 2019.

PANDOLFO, Stefania. *Knot of the soul: madness, psychoanalysis, Islan*. University of Chicago Press, 2018, p. 8.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Trad. I. Blikstein e J. Paes. São Paulo: Cultrix, 1981.

TAVARES, Janaína. Prólogo. In: LOPES, Adriana C.; FACINA, Adriana; SILVA, Daniel N. *Nó em pingo d'água: sobrevivência, cultura e linguagem*. Rio de Janeiro: Mórula; Florianópolis: Insular, 2019, p. 9-10.

To knot a drop of water

Review of the book:

LOPES, Adriana C.; FACINA, Adriana; SILVA, Daniel N. Nó em pingo d'água: sobrevivência, cultura e linguagem. Rio de Janeiro: Mórula; Florianópolis SC: Insular, 2019.